

## Professor Lazhar, educação intercultural

Licia Soares de Souza\*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar as interações interculturais que o filme canadense "Professor Lazhar, o que traz boas novas" ("*Monsieur Lazhar*", 2012), trata enquanto uma temática universal, sob a luz da noção, oriunda da Semiótica Russa, de *semiosfera* que se revela apta para traduzir a dinâmica de campos culturais em uma formação social. Phillippe Falardeau, cineasta conhecido por tratar de questões contemporâneas sobre a angústia de crianças juntos a pais em conflito ("*C'est pas moi je le jure*", 2007), e sobre a invenção de carros híbridos despolutantes em respeito ao ambiente ("*Congorama*", 2005), efetua uma tradução fílmica de uma peça teatral de Evelyne de la Chenelière para realizar "Professor Lazhar". Este mereceu inúmeros prêmios no Canadá e na França. O ator Mohamed Fellag interpreta de forma exemplar o professor argelino no filme.

**Palavras-chave:** Semiótica Russa. Conflito. Fronteiras. Regras. Semiosfera.

\* Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1976), mestre em Letras Modernas - Université de Toulouse II - Le Mirail (1977) e doutora em Semiologia - Université du Quebec (1989). Professora titular da Universidade do Estado da Bahia, Professora associada da Université du Québec à Montréal e professora regular do Programa Pós-cultura da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: americanidade, literatura comparada, telenovelas, literatura brasileira e quebequense, traduções cinematográficas de romances brasileiros e quebequenses. E-mail: liciaos@hotmail.com.

## Lazhar teacher, intercultural education

## Profesor Lazhar, educación intercultural

### Abstract

This article aims to address the intercultural interactions that the Canadian film "Professor Lazhar, which brings good news" ("*Monsieur Lazhar*", 2012), treats as a universal theme, in the light of the notion, originating from Russian Semiotics, Semiosphere that is able to translate the dynamics of cultural fields into a social formation. Phillippe Falardeau, a filmmaker known for dealing with contemporary issues about the anguish of children together with parents in conflict ("*C'est pas moi je le jure*", 2007), and about the invention of environmentally friendly hybrid cars ("*Congorama*", 2005), carries out a filmic translation of a theatrical play by Evelyne de la Chenelière to perform "Professor Lazhar". He has won numerous awards in Canada and France. The actor Mohamed Fellag interprets in an exemplary way the Algerian teacher in the film.

**Keywords:** Russian Semiotics. Conflict. Borders. Rules. Semiosphere

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar las interacciones interculturales que la película canadiense "Profesor Lazhar, que trae buenas noticias" ("*Monsieur Lazhar*", 2012), se presenta como un tema universal, a la luz de la noción, derivada de la Semiótica Russa, de semiosfera que se revela capaz de traducir la dinámica de los campos culturales en una formación social. Philippe Falardeau, un realizador conocido para hacer frente a los problemas contemporáneos sobre los hijos de angustia junto a los padres en conflicto ("*C'est pas moi je le jure*", 2007), y la invención de los automóviles híbridos despoluentes en el respeto por el medio ambiente ("*Congorama*" 2005), realiza una traducción fílmica de una obra de Evelyne de la Chenelière para llevar a cabo "profesor Lazhar". Esto le valió numerosos premios en Canadá y Francia. El actor Mohamed Fellag juega de una manera ejemplar el maestro de Argelia en la película.

**Palavras clave:** Semiótica Russa. Conflicto. Fronteras. Reglas. Semiosfera.

## Introdução

O filme canadense “Professor Lazhar, o que traz boas novas” (“*Monsieur Lazhar*”, 2012) trata de uma temática universal, que já foi explorada em vários filmes, de formas diversas: relações entre mestres e alunos, e o funcionamento da escola como instituição social. Phillipe Falardeau, cineasta conhecido por tratar de questões contemporâneas sobre a angústia de crianças juntos a pais em conflito (“*C’est pas moi je le jure*”, 2007), e sobre a invenção de carros híbridos despoluentes em respeito ao ambiente (“*Congorama*”, 2005), efetua uma tradução fílmica de uma peça teatral de Evelyne de la Chenelière para realizar “Professor Lazhar”. Este mereceu inúmeros prêmios no Canadá e na França<sup>1</sup>. O ator Mohamed Fellag interpreta de forma exemplar o professor argelino no filme.

Entrelaçando-se com a temática da educação formal nas escolas, duas questões de peso imprimem o selo de inovação ao filme de Falardeau: o drama quebequense do suicídio e aquele vivido por imigrantes, vindos de todos os continentes, principalmente os que almejam ao visto de refugiado político. É neste sentido que “Professor Lazhar” foi tão bem apreciado e avaliado por fazer da escola o cenário de debates sobre problemas humanos tão presentes na contemporaneidade.

### ***A semiosfera, meio de contatos interculturais***

No intuito de abordar as interações interculturais que o filme põe em cena, recorreremos à noção de *semiosfera* que se revela apta para traduzir a dinâmica de campos culturais em uma formação social.

Na obra “Estética e Semiótica do Cinema”, Lotman (1978b) sustenta que um filme antes de ser o que ele é, nasceu como sequência fotográfica. Com a possibilidade de movimento, este novo suporte, passa a ser usado também como documento, como um fruto da automação. A semiótica do cinema é assim baseada na semiótica da cultura, de origem russa, que originou o Departamento de Semiótica da Universidade de Tártu, Estônia, nos anos 1960. A cultura passa a ser vista como um sistema perceptível de textos, enquanto linguagem, organizados por associações

e articulações de signos diversos. Os códigos da cultura se estabelecem a partir de associações sógnicas, e são definidos como sistemas semióticos. Lotman (1996) já afirmava que todo código é um sistema modelizante, uma forma de organização da informação e de seu desenvolvimento. O conceito de *semiosfera*, equivalente de biosfera, teria então como base a realidade sógnica humana, a possibilidade da criação simbólica, que supera a sua realidade simplesmente biológica<sup>2</sup>. Cada produto cultural (teatro, filme, música, romance) possui seus próprios códigos culturais, suas linguagens gerando um sentido único relacionado ao seu mundo particular.

O conceito de semiosfera contém a idéia de fronteira, referindo-se à relação entre o que está dentro e o que está fora do espaço semiótico. Fronteira para Lotman é local ambivalente, de tradução e de criação. Ela separa, mas também une, é uma zona interna, mas também é externa. É um local bilíngüe, pois pertence a duas culturas, como zona privilegiada na transformação de textos de outrem em textos próprios.

Em linhas gerais, uma nação é uma semiosfera, pois tem homogeneidade semiótica, e quando seus habitantes entram em contato com aqueles de outra nação, surge uma fronteira das semiosferas. Se alguém de uma nação, após contacto, começar a pensar ou compreender o mundo de forma diferente, tendo em vista as propriedades semióticas do outro mundo, nasce uma fronteira individual dentro do próprio indivíduo suscetível de criar uma fronteira mais ampla, capaz de reagrupar outros indivíduos em torno de um pensamento coletivo de formação semiosférica. Ou seja, surge uma semiosfera dentro de outra semiosfera, que vai desencadear necessariamente uma fronteira de semiosferas.

### ***Fronteiras no ensino***

Em “Professor Lazhar”, podemos identificar imediatamente dois mundos. Bachir se apresenta na escola para ser professor das crianças da sexta classe. Ele vem da Argélia, e a diretora da escola não tem tempo de averiguar a legalidade de seu visto de permanência e de seu diploma. A professora da classe, bem amada pelos alunos, se

enforcou na sala de aula, deixando um grande vazio e muita angústia nas crianças. Nesta narrativa, destacam-se dois alunos, pelas reações acentuadas que manifestam diante desta morte súbita, por terem estado mais próximos da professora.

Uma menina Alice e um menino Simon tornam-se assim os protagonistas principais da sala, aptos a delinear a fronteira do novo ensino diante do professor africano. Este chega com um método tradicional do ensino de francês, que já foi modificado pelas novas normas ministeriais do Québec moderno. Bachir utiliza ainda ditados de textos literários elaborados, com o estilo dos clássicos franceses, como Balzac, La Fontaine, Guy de Maupassant. Inicialmente, os alunos sentem estranheza no método antiquado do mestre, e Simon, sentindo-se constantemente culpado pelo desaparecimento da antecessora, não cessa de se comportar de forma agressiva e rebelde. Mas, o mestre já começa a conquistar as crianças, informando-lhes o sentido de seu nome Bachir – aquele que traz boas novas –, e convencendo-os de que sua presença na sala é signo de tempos mais felizes. Seu sobrenome Lazhar significa “a sorte” e cruza-se semanticamente com o da professora desaparecida Martine Lachance; *la chance* em francês, significa a sorte, o que indica que haverá projeção afetiva dos alunos no recém-chegado professor.

Demarcamos aqui uma fronteira pedagógica, exigindo ajustes de um lado e de outro, tanto na esfera semântica, como no campo do domínio linguístico e gramatical. Quando o professor fala de “adjetivo possessivo”, os alunos replicam que a terminologia que conhecem é a de “determinante adjetivo”. Um dos alunos reage: “– Mas minha mãe fala de “adjetivo possessivo” e o professor responde: “– Sua mãe tem a mesma gramática que eu”.

Mais adiante, a diretora lhe diz que os resultados da classe são miraculosos, apesar do uso de textos de Balzac para interpretação, e dos ditados difíceis, o que alguns pais não aceitavam muito bem no ensino de seus filhos. Com efeito, as reformas ministeriais no Québec, sobretudo após a Revolução Tranquila<sup>3</sup>, dos anos 1960, passaram a estipular uma pedagogia de criação em contraposição àquela do acúmulo de conhecimentos, e da aprendiza-

gem automática de textos clássicos, o que caracterizaria a chamada “vieille Europe”.

Em um certo momento, Alice traz para Bachir um livro de Jack Jondon, da rubrica literatura para juventude, dizendo-lhe o quanto seria produtivo fazer o ditado a partir de um texto mais adequado ao nível das crianças (11-12 anos). Assiste-se então a uma troca cultural em que a aluna mostra ao mestre como proceder naquele ambiente escolar pertencente à semiosfera quebequense que ele ainda não domina.

### **Fronteiras de intersubjetividade**

Carontini (*apud* SOUZA 2006), ao compor um quadro de variáveis para análise da imagem, aponta para uma distância social, em que os indivíduos se mantêm a 1,20cm, uns dos outros. Esta distância é própria das panorâmicas e travellings no cinema, se distinguindo do close (até 40cm), por exemplo, que determina uma distância íntima. Inspirando-se em Hall (1981), Carontini expande os princípios da “*nouvelle communication*”<sup>4</sup> que descreve comportamentos humanos em lugares públicos.

Hall e os pesquisadores da Escola de Palo Alto, já estavam observando a constituição de fronteiras que determinam as semiosferas norte-americanas, onde o toque corporal não é usual, e impõe mesmo limites de assimetria intersubjetiva entre indivíduos que chegam na zona periférica dos espaços urbanos e aqueles que já se instalaram no centro. Trata-se assim de uma força centrífuga própria das semiosferas citadas, suscetível de definir a identidade de coletividades.

O professor Lazhar já recebe uma advertência da diretora, quando esta é informada que ele tentou disciplinar Simon com leve tapa na cabeça. Os alunos aconselham o professor a se desculpar com o pupilo, mas ele crê que está agindo de acordo com um código de disciplina válido universalmente. A diretora lhe diz: “– Aqui não admitimos que um professor toque em um aluno. Digo isso pra o senhor e pra todos os colegas.” Bachir responde: “– Não bati em ninguém.” Ela lhe fornece um código de deveres e direitos dos alunos.

Esta questão do toque ganha uma dimensão de clímax da narrativa, quando Alice revela que Simon sentia culpa pelo suicídio de Martine. Agitado e visivelmente emocionado, Simon chora e afirma que a professora havia tentado tocar nele de forma estranha, e ele se assustou. A criança acrescenta ainda que estava convencido que o suicídio foi programado para torná-lo responsável, pois ela cometeu o ato, na quarta-feira à noite, sabendo ela que ele iria arrumar os *berlingots* (*bonbons*) na sala na quinta de manhã.

O garoto insiste veementemente no fato de que ela teria tentado tocá-lo de forma suspeita com um beijo (*un bec*). Na sala dos professores, a diretora, em reunião com todos, esclarece que Simon seguia um curso de recuperação com Martine. Esta, tentando consolá-lo por problemas domésticos, teria exagerado no toque, o que outra colega refuta esclarecendo que Martine era capaz de gestos de afeto por seus alunos e colegas e, seguramente, não teria sujado suas mãos com um gesto maldoso. O suicídio teria sido causado por problemas maiores que ela estava enfrentando há um certo tempo.

É óbvio que o abalo tanático perturba o menino, deixando-o mais agitado e agressivo. A discussão sobre o ato de Martine permanece sempre sobre seus efeitos nas crianças, mas as causas não chegam a ser debatidas. A diretora não admite que o episódio seja explorado, (contrariamente ao que Bachir pensa), temendo outros exemplos. A possibilidade de pedofilia fica então em suspense, embora a questão do “toque” seja argumentada como um índice de transposição das fronteiras intersubjetivas nesta semiosfera quebequense. Realmente, o professor de ginástica, na reunião, critica o exagero existente na América do Norte quanto à falta de contacto humano, trazendo o exemplo de seu filho que teve as costas duramente queimadas pelo sol, em uma excursão, porque o professor se recusou a passar creme solar nas costas do garoto. Segundo o professor de ginástica da escola de Bachir, trata-se de uma tendência para lidar com os alunos como se fossem “resíduos radioativos”, suscetíveis de serem evitados.

Tendo fotografado a professora enforcada, Simon se diverte em mostrar a foto, na qual ele desenhou asas de

anjo, na escola, e os professores se reúnem para decidir se o garoto merece ser suspenso. Bachir opina que este tipo de infração não constituiria uma razão para a suspensão e insiste, novamente, na possibilidade de auxiliar Simon a ultrapassar esta fase de trauma, pois a simples existência da foto já indicaria um “problema significativo”. A diretora lembra que uma psicóloga havia sido contratada para vir cuidar do desconforto moral que havia se apoderado da sala.

Já verificamos que Bachir está situado no âmbito da fronteira da semiosfera, ou seja, no espaço não hegemônico da semiose, em que as trocas entre sistemas são mais propícias, os códigos estão mais suscetíveis a reconfigurações e a diversos tipos de tradutibilidade. Ele vem da Argélia e não domina os códigos de ensino do Québec.

Figura 2 - Plano médio do personagem Simon



Fonte: *Monsieur Lazhar*, filme canadense, de Philippe Fallarreau, com Mohamed Fellag, Sophie Nélisse, Émilien Néron, 2012.

Neste ambiente de ensino, Simon se revela igualmente um ser periférico, não apenas pela indisciplina e violência com que trata os colegas, mas igualmente pelo fato – como alguns professores e Alice pensam – de ter sido “*chien avec Martine*”, isto é, de ter acusado a professora de gesto maldoso. Simon diz a Alice: “– Não sou normal”. E continua na sala de aula: “– Não é culpa minha. Não pedi a Martine pra me beijar. Ela me agarrava e eu não gostava nada disso”. Na periferia das semiosferas, o sentido é imprevisível, pois não se encontra fortemente codificado como no centro.

Este é o momento em que Bachir começa a discorrer sobre a significação da escola como espaço de amizade e de aprendizagem da vida. A escola, neste momento, é o local em que devem buscar o sentido do humano, como

se estivessem chegado nos limites da periferia, na preparação de um outro sistema de pensamento que poderia modificar significados muito cristalizados do centro.

Os sentidos de uma visão de mundo de um estrangeiro que não entende totalmente a articulação das linguagens do ambiente em que se encontra, de um garoto agressivo com problemas familiares, e de outras crianças oriundas de lares com pais continuamente ausentes, se entrecruzam propiciando a emergência de um novo local de ensino, investido da superposição dialógica das experiências particulares.

Figura 2 - Plano ampliado da sala de aula: professor e alunos



Fonte: *Monsieur Lazhar*, filme canadense, de Philippe Fallardeau, com Mohamed Fellag, Sophie Nélisse, Émilien Néron, 2012.

### Fronteiras geográficas

Já sabemos que Bachir vem de outra sociedade, e seus códigos semiosféricos não coincidem totalmente com os do Québec. Isso lhe é inclusive dito pelos pais de uma aluna a quem ele se dirige para falar do comportamento “rígido” da garota. Os pais: “– Ela não é rígida, ela é forte. Além do trauma do suicídio, ela teve que se adaptar a sua metodologia de ensino diferente da nossa. O senhor não é daqui e sabe que existem nuances que lhe escapam. Trate de ensinar, e nós tratamos de educar nossa filha”.

Intercaladas com as sequências de ensino, a narrativa nos introduz ao mundo de Bachir. Este é apresentado diante das autoridades da Imigração Canadá, respondendo às questões para obter o visto de refugiado. Sua solicitação é endereçada à “República Democrática do Québec”<sup>5</sup>, o que diverte os agentes da imigração. Sua vida pregressa

é então esclarecida: ele tinha uma família, uma esposa e duas filhas. A esposa escreveu um livro sobre as arbitrariedades do sistema político argelino e foi ameaçada de morte. A família toda planejou uma fuga para a Tunísia, mas algum informante revelou o plano para os oponentes que puseram fogo no apartamento em que elas se encontravam. A mãe e uma filha faleceram nas chamas, e a outra filha perdeu a vida saltando do terceiro andar para escapar do incêndio. Este é o drama que acompanha o professor, que tenta recomeçar a vida no Canadá, onde ele é aceito como refugiado político, *status* conferido apenas para aqueles cuja vida se encontra em perigo no país de origem.

O professor Lazhar atravessa uma situação de luto, da mesma forma que as crianças da escola. Com a dor da perda, ele entende que o luto das crianças, nessas circunstâncias conotadas por signos sociais específicos do Québec, deve ser enfrentado e discutido por toda comunidade escolar. Sociedades ordenadas no espaço e no tempo, através de balizas ou parâmetros codificados, tem que propor como questão de investigação, como se caracteriza a transformação dos humanos diante de uma situação de perda violenta; sobretudo, tratando-se de seres que ainda estão circulando nas periferias de tal sociedade, como um refugiado e uma criança agitada em conflito com os pais. A modelização da cultura aqui se dá pelo confronto de signos de duas semiosferas (argelina e quebequense), como também pelos confrontos dos elementos internos da sociedade do Québec. Já vimos que, em uma semiosfera, o grau de articulação da cultura está na passagem da organização interna para a desorganização externa, ou do caos externo para a ordem interna, daí poderemos chamá-la de «contínuo semiótico».

Nesse contexto, Bachir pede que as crianças façam apresentações orais sobre o que entendem por escola. O tema de Simon é “A escola é merda”, título escrito em uma cartolina seguido de fotografias. Já Alice faz uma apresentação cujo tema é “Minha escola é muito boa” (“*Mon école est belle*”), e ela vai acrescentando :

– MINHA ESCOLA É BOA. Minha escola é boa,  
Não é provavelmente a melhor, mas é a minha.

Quando cheguei aqui, minha mãe dizia sempre que a escola era ótima. Pessoalmente, eu a achava normal, mas depois de seis anos nela, acho que ela é muito boa, sim, porque é minha escola. Um campo bom para jogar futebol e basquete. Nele, os pais deixam seus filhos de manhã, onde vão tomar conta de nós, olhar se estamos com piolho, se os dentes estão saudáveis, se somos crianças agressivas ou hiperativas... Mas é nesta escola legal, que Martine Lachance se enforcou... com seu cachecol azul perto do tubo maior numa quarta-feira à noite. Minha mãe estava em Miami, porque ela é aeromoça. Gostaria que ela estivesse voltado logo, porque achei tudo muito triste. Martine estava desanimada com a vida, com certeza. A última coisa que ela fez foi empurrar a cadeira pra que ela caia. Às vezes me pergunto se ela quis nos transmitir uma mensagem violenta. Nós, quando somos violentos, somos castigados tendo que fazer tarefas comunitárias. Mas Martine não pode mais ser punida, porque está morta<sup>6</sup>.

Bachir vai, em seguida, falar com a diretora, no intuito de discutir mais na escola, com alunos e professores, sobre as questões de violência e morte. Ele deseja fotocopiar o texto de Alice para distribuir na escola: “– Acho muita maturidade neste texto. Me dê a permissão de transmiti-lo, não tem nada de macabro nele, pelo contrário. Existe aí uma vontade de comunicar”. A diretora, responde, entretanto, que não é possível fazê-lo, e que ela não toleraria uma insubordinação. Segundo ela, tal insubordinação seria uma falta de respeito com a memória de Martine, mas Bachir replica que a professora também desrespeitou seus alunos se enforcando em plena sala de aula. Para a diretora, este era um problema a ser resolvido apenas com a psicóloga que aparece falando para as crianças sobre nações ameríndias.

O suicídio é considerado uma tragédia no Québec, que possui a taxa mais alta do Canadá. Neste sentido, as apreensões da diretora formatam um texto cultural que transmite informações, gera sentidos e ainda funciona como memória dessa mesma cultura. A escola é um lugar de trânsitos, e pode, de várias formas, empreender diálogos entre o interior e o exterior das semiosferas. A escola possui um código norteador bem estruturado, mas por ser *locus* de aprendizagem, admite a instauração de trocas

culturais, integra elementos advindos de outras semiosferas, estabelecendo, assim, zonas imprevisíveis de sentido caracterizadas como fronteiras.

A escola instaura realmente elos pragmáticos entre as zonas movediças de sentido e o centro de uma semiosfera, tornando-as aptas a modificar os códigos estabelecidos. Quanto mais complexo este eixo de aprendizagem escolar se torna, mais complexas são as demandas de formas de interagir entre seus componentes. Para Bachir, que acaba de ter vivido o assassinato de toda sua família por divergências políticas, o caso de suicídio na sala de aula é um gesto de violência singular que pode ser objeto de um diálogo entre todas as instâncias da escola. Para a diretora, habituada com suicídios constantes na semiosfera quebequense, e sem conhecer o drama de Bachir, este diálogo torna-se inútil, porque só pode avivar as tendências suicidas que marcam a sociedade.

Figura 3 - Plano médio dos personagens Alice (esquerda) e Bachir (direita)



Fonte: *Monsieur Lazhar*, filme canadense, de Philippe Falardeau, com Mohamed Fellag, Sophie Nélisse, Émilien Néron, 2012.

### **Travessia de fronteiras**

Contrariando as recomendações da diretora, Bachir envia para os pais de Simon, o texto de Alice. Ela é então obrigada a chamá-lo para expor a situação em que ambos se encontram. Justamente, por não ter conhecimento da natureza do trauma que aflige o Québec, com os suicídios, o professor segue pensando que dialogará facilmente com a nova comunidade em que acaba de se inserir. As coisas não são tão simples como ele espera. Os pais pesquisam sobre sua vida e descobrem que seu status no Canadá é o de refugiado político, e uma omissão desta natureza compromete a ética profissional. Os pais se queixam à diretora, como também ao conselho de educação. A diretora informa Bachir de que ele não

poderia continuar mais dando aulas na escola, e que ela já teria contratado uma professora substituta. Ele insiste para dar uma última aula, pois escreveu uma fábula para que os alunos pudessem corrigi-lo. A diretora consente, dizendo-lhe que ela também seria despedida, mas no fim do semestre, e pergunta a Bachir o que ele fazia na Argélia: “– Era proprietário de um restaurante”, responde o mestre. E ela se dá conta de que tinha sido responsável por uma situação irregular diante dos códigos normativos de uma escola, por uma necessidade de preencher a lacuna deixada pela professora suicida.

A saída de Bachir ilustra como o sentido não está armazenado nas consciências individuais, mas na relação, nos interstícios que se instauram entre os indivíduos de uma semiosfera, sem que se perceba que transformações de comportamento já estão se operando. Enquanto certos pais rejeitam os métodos educativos do elemento estrangeiro, vindo do exterior, para provocar mudanças em um ambiente escolar, a mãe de Alice, busca um encontro com o mestre e lhe diz: “– Quero lhe agradecer por Alice. Ela se apegou ao senhor. Foi um ano difícil pra ela. Tudo o que aconteceu. E eu sempre ausente, viajando. Muito obrigada!” Ele responde: “– Ela possui uma grande maturidade! E poderia ser a minha preferida, embora o que eu esteja dizendo, seja completamente proibido pelos regulamentos.”

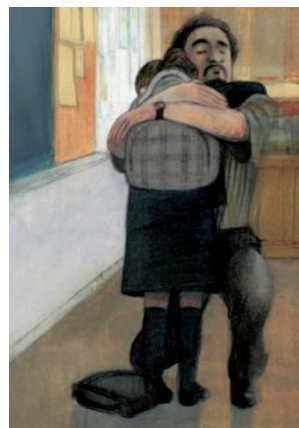
Nesta sequência, pode-se perceber que o mais significativo desta reação da mãe de Alice é que, pelo fato de ser uma aeromoça, ela está sempre em viagem. Logo, é alguém que ultrapassou várias vezes as fronteiras geográficas e culturais de sua semiosfera de origem. Neste âmbito, ela consegue ver a capacidade que o elemento vindo do exterior possui para provocar mudanças positivas nas crianças traumatizadas por um drama de perda que, embora suscetível de acontecer constantemente, desequilibra as estruturas psíquicas de uma comunidade.

Para convencer a diretora a permitir que desse sua última aula, Bachir enuncia: “– Preciso me despedir deles. Ninguém deve partir sem prevenir. Martine partiu sem prevenir...” Sua fábula começa então a ser lida em voz alta e corrigida pelos alunos que iam dizendo onde estavam

os erros de francês que o mestre conservou deliberadamente em seu texto.

No final do filme, Alice chora no vestiário, já sentindo a falta que Bachir lhe faria (enquanto uma voz *off* continua lendo a fábula que ele escreveu pra ser corrigida pelos alunos), e decide vir ao encontro do mestre que permanece sozinho na sala. A cena final representa exatamente a quebra de uma norma que rege as semiosferas norte-americanas: o não contato humano. Alice abre os braços, indo em direção do mestre, o qual levanta-se, vem em direção dela, ajoelha-se, e corresponde ao abraço que a garota lhe oferece. Os dois personagens executam um ato de infração ao código de comportamento das semiosferas norte-americanas e conseguem mostrar que o toque, o contato humano, não representa sempre assédio sexual, e que ele é necessário em determinados momentos da existência humana mesmo que esteja com acompanhamento psicológico.

Figura 4 - Ilustração da cena final de “Monsieur Lazhar”, autoria de Jorge Gonzales.



Fonte: The New Yorker. Disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2012/04/16/learning-on-the-job> Acesso: 21.09.2016

### ***O professor e suas crisálidas***

A fábula que Bachir escreve, com alguns erros de francês, para seus alunos corrigirem, conclui metaforicamente a lição de vida do filme. Como vimos, através da semiótica que adotamos, o filme é igualmente um texto da cultura que não se manifesta apenas por sistemas verbais de codificação das experiências vividas. Um filme, com seu sistema articulado de signos verbais, sonoros, icônicos,



musicais, etc., pode igualmente dar origem a diversas formas de textos culturais, adaptando informações sociais na linguagem narrativa audiovisual. Tais informações que entram no espaço semiótico de determinado indivíduo ou grupo são armazenadas e passam por um processamento semiótico suscetível de criar modelos atuais de pensamento. A partir do repertório disponível na realidade de cada um, os dados são reelaborados, re-trabalhados em signos, em textos que estejam em sintonia com cada experiência semiótica. Lotman chama esse processo de tradução da tradição, mostrando que as linguagens e os textos que já possuem sentido para um grupo social, que pertencem à memória deste grupo, vão sofrendo processos de reestruturação a partir de encontros dialógicos com outros grupos.

Examinamos como o filme *"Monsieur Lazhar"* traduz tradições e comportamentos aptos a dar o tom de códigos de pensamento da semiosfera quebequense que o professor argelino não domina, como, por exemplo, a prática do suicídio e a interdição do toque humano. Aludindo à disposição das imagens em filmes, mencionamos a distância social como medida de posicionamento de corpos sociais em espaços semióticos da América do Norte, diferentemente de várias outras semiosferas em que as distâncias menores de proximidade permitem, com frequência, o toque dos corpos, como na América do Sul.

No filme, o professor aparece sempre observando, em posição de distância social, através do vidro de uma janela, ou no alto da escada, o pátio da escola, onde as crianças permitem interações culturais, servindo muitas vezes de fronteira entre a periferia e o centro da semiosfera. Nesta escola, de predominância feminina, todos são gentis com o professor imigrante, e a professora Claire tenta se aproximar de Bachir, dizendo-lhe que também se sente imigrante em Montreal, pois veio do interior do Québec, e conheceu Montréal após ter visitado outros países. A hostilidade para com o estrangeiro é produzida apenas no exterior da escola por alguns pais de alunos. O final do filme apresenta uma síntese da visão do cineasta Fallarreau. Ele fala da crisálida que aparece em um galho de uma oliveira. Esta fica cada vez mais feliz ven-

do sua protegida se desenvolver para se transformar em borboleta; ela a protege do vento e das formigas. Mas um incêndio na floresta atinge a crisálida que perece. Esta "é uma morte que não é justa", e a árvore conta seu luto a um pássaro que chega em um dos seus galhos, pois ela conseguiu resistir ao aniquilamento total causado pelo fogo. A principal metáfora do filme se delinea na fábula de Bachir: ele não verá suas crianças, filhas e alunos, crescerem e se desenvolverem até definir suas posições sociais na semiosfera quebequense.

No entanto, a maior lição do filme diz respeito à capacidade de articulação de linguagens para permitir a interação e o diálogo entre pessoas vivenciando o mesmo tipo de problema. Bachir omite, na escola, sua dor e seu luto, mas insiste, em várias ocasiões que o episódio do suicídio de Martine seja discutido à exaustão para aliviar as tensões causadas pelo trauma do enforcamento da professora. Mesmo com a gramática defasada, com seu velho método francês de aprendizagem, sem conhecimento das reformas de ensino do Québec, Bachir consegue transmitir calor humano e afeição pelas crianças. Estas dizem até mesmo o nome Bachir, para poder sorrir, no momento de posar para a foto da turma. Vê-se então que os espaços de significação deste texto cultural (o filme) contribui para a memória não apenas dos signos representados nele, mas de todo um contexto socio-histórico, em que os problemas não são debatidos em profundidade e com sentimentos. O filme, é, de todas as evidências, um objeto de memória que configura uma significação intercultural tomando corpo, em um espaço escolar, pois remete a episódios sobre o comportamento de qualquer criança vivendo certos choques, e estipula como elas poderão se transformar nesse espaço de fronteira de uma semiosfera.

A imagem síntese do filme é o abraço de Alice no professor, sob a voz *off* da leitura das últimas sentenças da fábula. Ele começa lendo sua fábula na sala de aula para os alunos corrigirem, e continua lendo em voz alta, enquanto eles vão saindo e pegando suas mochilas para voltarem pra casa. Alice retorna à sala, sob o seguinte texto: "– Quando um pássaro posou na oliveira..." O abraço, o toque humano, vem contrariar uma norma do

código escolar, e mesmo da semiosfera quebequense – aquele que pode ter precipitado a morte de Martine que tentou acariciar o pequeno Simon –, pois Alice e Bachir se posicionam como solidários de um drama humano universal implicando em dor e luto. A fábula de Bachir<sup>7</sup>:

#### A ÁRVORE E A CRISÁLIDA

Não existe nada para dizer sobre uma morte que não é justa, absolutamente nada.

Vamos mostrar isso agora.

No galho de uma oliveira, estava alojada uma crisálida.

Uma pequena crisálida de cor esmeralda.

Amanhã, ela seria uma linda borboleta, livre de sua pupa.

A árvore se alegrava em ver crescer sua crisálida. Mas, em segredo, ela gostaria de protegê-la durante mais alguns anos: “À condição que ela se lembre de mim.”

Ela a tinha protegido do vento, salvo das formigas. Mas a crisálida partiria mesmo assim para enfrentar só os predadores e as intempéries.

Numa noite, o fogo destruiu a floresta.

A crisálida não poderia mais ser borboleta.

De manhã, o fogo apagado, e a árvore ainda em pé. Seu coração estava entretanto em cinzas, Arrasado pelas chamas, arrasado pelo luto.

E quando um pássaro pousou na oliveira, ela lhe contou que a crisálida não acordou mais.

E imagina como ela seria com as asas abertas, ondulando no azul de um céu azul, embriagada com açúcar e liberdade.

Na revelação das tragédias pessoais mútuas, os membros de uma semiosfera podem perceber a importância dos limites das fronteiras, não apenas com as diferenças geográficas entre as distintas sociedades, mas também entre os indivíduos. Cada um se apresenta com um código pessoal investido de valores e experiências que vão se conformando com os códigos de outros indivíduos ou entrar em conflito. Entender a natureza das fronteiras que direcionam cada história particular facilita a compreensão intersubjetiva.

A tragédia pessoal de Bachir, que engendra uma narrativa de choque de convicções políticas, de resistência contra o autoritarismo, em um país de fechamento democrático, suscita uma forte narrativa de reconstrução pessoal.

Mas, nesse instante, é preciso notar um dos princípios norteadores da semiótica da cultura: as novidades não aparecem no centro do poder, no centro normativo das instituições, mas nas periferias, nas fronteiras. O espaço periférico é rico de imprevisibilidades e de possibilidades de transformação. A tragédia de Bachir tem assim o mérito de mostrar a perplexidade dos agentes da imigração diante de um caso de barbárie, ainda não conhecida no Canadá. Este país se mostra ainda despreparado para lidar com problemas complexos de imigrantes advindos de países mergulhados em crises de totalitarismo. Encontra-se igualmente despreparado para lidar com problemas internos de sua semiosfera, o do suicídio e o da falha nos contatos humanos.

### Referências

ARÀN, P. O.; BAREI, S. **Texto, memória, cultura: el pensamiento de Iuri Lotman**. 2. Ed., Córdoba: El Espejo, 2006.

HALL, E. **La dimension caché**. Paris : Seuil, 1971.

\_\_\_\_\_. Proxémique. In: VARIOS. **La nouvelle communication**. Paris, Seuil, 1981, p. 191-219.

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978a.

\_\_\_\_\_. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa: Estampa, 1978b.

\_\_\_\_\_. **La semiosfera I : semiótica de la cultura y del texto**. Tradução de Desiderio Navarro. Valência : Frónesis Cátedra, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o problema da tipologia da cultura. In : SCHNAIDERMAN, B. (org.). **Semiótica Russa**. São Paulo : Ed. Perspectiva, 1979. p. 31-41.

**Monsieur Lazhar**, filme canadense, de Philippe Fallarreau, com Mohamed Fellag, Sophie Nélisse, Émilien Néron, 2012

SOUZA, L. S. de. **Introdução às Teorias Semióticas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VARGAS, G. **Comunicação e Semiótica da Cultura: cinema como texto cultural**, disponível em: [https://www.academia.edu/9523117/Comunica%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_Semi%C3%B3tica\\_da\\_Cultura\\_cinema\\_como\\_texto\\_cultural](https://www.academia.edu/9523117/Comunica%C3%A7%C3%A3o_e_Semi%C3%B3tica_da_Cultura_cinema_como_texto_cultural) Acesso: 21-09-2016.

## Notas

1 Festival de Locarno 2011: prêmio do público e da crítica; Festival de Toronto 2011: melhor filme canadense; Festival International du Film Francophone de Namur 2011: prêmio especial do público e do jury; Festival du cinéma international en Abitibi-Témiscamingue 2011: prêmio Hydro-Québec, e prêmio Communications et Société; 14<sup>e</sup> cérémonie des Jutra 2012: Jutra do melhor filme, realização, cenário, atriz coadjuvante, ator coadjuvante, som, música original (O Jutra é o maior concurso de premiação do Québec, em homenagem ao cineasta Claude Jutra). Foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, mas não ganhou o prêmio.

2 Na biosfera, existe a transformação de energia solar em energia química e física, processo que transforma também matéria inerte em matéria viva. Na semiótica, existe também um tipo de cosmos, com diversas reações e possibilidades de articulações, que pode ser classificado, como um planeta, suscetível de gerar inúmeros processos de significação. Na biosfera, a matéria inerte é transformada em matéria viva; na semiosfera, as linguagens criam vida. A dinâmica de signos é viva, pois estes estão em constante mutação, gerando novas compreensões (LOTMAN, 1996, p. 10-12).

3 A Revolução Tranquila (*Révolution Tranquille*) foi um período de rápida mudança na província do Quebec, no Canadá, durante a década de 1960. Foi caracterizada por uma rápida secularização da sociedade e investimentos maciços no sistema de ensino público, com a criação de um ministério da educação. Houve igualmente nacionalização da produção e distribuição de eletricidade, sindicalização do funcionalismo público e medidas do governo provincial dispostas a aumentar o controle dos quebequenses sobre a economia da província.

4 Esta nova comunicação caracteriza a Escola de Palo Alto da qual participam pesquisadores como Bateson, Birdwhistell, Jackson, Watzlawick e Edward Hall, conhecido pela obra *A dimensão oculta, La dimension caché* (1971).

5 Naturalmente não existe a República Democrática do Québec. A solicitação de asilo e de residência permanente é endereçada inicialmente a uma Delegação do Québec, mas o processo final é analisado pelas autoridades nacionais do Canadá, que é um país confederado.

6 Tradução aproximada nossa do texto original: MON ÉCOLE EST BELLE. Mon école est belle, c'est peut-être pas la plus belle, mais c'est la mienne... Moi quand je suis arrivé ici au début, ma mère elle arrêtait pas de dire que l'école était belle. Moi, personnellement, l'école, je la trouvais correcte. Mais après six ans, moi aussi, je la trouve belle maintenant, parce que c'est la mienne. Une belle cour pour jouer au soccer, au basket. C'est là que les parents y viennent reconduire leurs enfants le matin. On prend soin de nous, on vérifie si on a des poux, si on a des bonnes dents, si on est des enfants agressifs ou ben des enfants hyperactifs... Mais, c'est dans cette belle école-là que Martine Lachance a s'est pendue... avec son foulard bleu après le gros tuyau, un mercredi soir. Ma mère, elle, est à Miami à cause qu'elle est pilote de l'air. J'aurais aimé ça qu'a revienne tout de suite... parce que j'ai vraiment trouvé ça dur... Martine Lachance était sûrement découragée de la vie. La dernière chose qu'elle a faite c'est kicker sur sa chaise pour qu'a tombe... Des fois là, je me demande si elle a voulu passer un message violent. Nous, quand on est violent, on est puni en retenue... mais, on peut pas mettre Martine Lachance en retenue... parce qu'est morte.

7 FABLE DU FILM L'ARBRE ET LA CHRYSALIDE. Il n'y a rien à dire sur une mort qui n'est pas juste, rien du tout Nous allons le montrer tout à l'heure Sous la branche d'un olivier se tenait suspendue Une petite chrysalide couleur émeraude Demain, elle serait un joli papillon libéré de son cocon L'arbre se réjouissait de voir grandir sa chrysalide Mais, en

secret, il aurait bien aimé la garder encore quelques années « Pourvu qu'elle se souvienne de moi » Il l'avait protégée du vent Il l'avait sauvée des fourmis Demain pourtant elle le quitterait Pour affronter seule les prédateurs et les intempéries Cette nuit-là, un grand feu ravagea la forêt Et la chrysalide ne devint jamais papillon Au matin, le feu éteint L'arbre tenait encore debout Mais son cœur était en cendres Rongé par les flammes Rongé par le deuil Depuis, quand un oiseau se pose sur l'olivier L'arbre lui raconte la chrysalide qui ne s'est jamais réveillée Il l'imagine, les ailes déployées Ondoyant dans le bleu d'un ciel bleu Ivre de sucre et de liberté.

Recebido em 22 de dezembro de 2016

Aceito em 31 de janeiro de 2017

